

o mundo
prodigioso
que tenho
na cabeça

franz kafka

um ensaio
biográfico

por louis begley

Tradução

Laura Teixeira Motta



Copyright © 2007 by Louis Begley

Publicado originalmente nos Estados Unidos pela Atlas & Co., 2007

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The tremendous world I have inside my head — Franz Kafka: a biographical essay

Capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Imagem de capa

Bettmann/ Corbis/ LatinStock

Preparação

Lucas Murtinho

Revisão

Marise S. Leal

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Begley, Louis

O mundo prodigioso que tenho na cabeça : Franz Kafka : um ensaio biográfico / Louis Begley ; tradução Laura Teixeira Motta. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: The tremendous world I have inside my head : Franz Kafka, a biographical essay.
ISBN 978-85-359-1610-2

1. Kafka, Franz, 1883-1924 2. Escritores austríacos - Século 20
3. Biografia I. Título.

10-00625

CDD-838.092

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores austríacos : biografia 838.092

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Introdução, 7

1. A vida é meramente terrível, 15
2. Que tenho eu em comum com os judeus?, 61
3. O reino mais profundo da verdadeira vida sexual está fechado para mim..., 87
4. Sou feito de literatura, não sou nada além disso, 159
5. O machado para o mar congelado dentro de nós..., 176

Chave das referências bibliográficas, 243

Bibliografia selecionada, 245

Uso dos topônimos alemães, 248

Datas importantes na vida de Kafka, 250

Agradecimentos, 255

Créditos, 257

Sobre o autor, 259

Introdução

Milhões leram os romances e contos de Franz Kafka — suas obras foram traduzidas para todas as línguas que têm literatura escrita — e muitos outros milhões que nunca leram uma única linha de Kafka conhecem seu nome e com naturalidade descrevem como “kafkianas” suas experiências desnor-teantes ou frustrantes com as complexidades da vida moderna. Kafka autorizou a publicação de apenas algumas de suas obras enquanto viveu. Entre elas estão duas novelas, *A metamorfose* e *Na colônia penal*, que, cada uma isoladamente, já lhe gran-jeariam um apreciável lugar no panteão literário. Da mesma elevada qualidade são, entre outros, seus contos “O veredicto”, “Um médico rural”, “Um relatório para uma Academia”, “Um artista da fome” e o último texto que ele escreveu, “Josefina, a cantora ou O povo dos camundongos”. Esses escritos garanti-ram-lhe a admiração de um público de autores e críticos em Praga, Berlim e Viena, que o reconheceram como um dos mes-tres da prosa alemã moderna. A obra de Kafka foi antologiadada quando ele ainda era vivo e traduzida para o tcheco, o húngaro

e o sueco. Ainda assim, é seguro afirmar que Kafka não teria conquistado seu monumental renome sem os incansáveis esforços de seu melhor amigo e primeiro biógrafo, Max Brod, o responsável pela publicação póstuma de seus romances e outros textos de ficção.

Kafka não deixou testamento. Mas logo após sua morte, Brod encontrou na escrivaninha do apartamento de seus pais uma carta em que Kafka lhe pedia, como seu último desejo, que queimasse todos os seus escritos sem os ler: diários, manuscritos, cartas (as que escrevera e as que recebera), além de esboços — Kafka desenhava muito bem — e tudo o que fosse de sua autoria e pudesse estar em mãos de terceiros. Quanto aos papéis em posse de outros, ele instruiu Brod: “pede-os em meu nome. As cartas que não quiserem entregar-te, ao menos que prometam lealmente queimá-las eles mesmos”. Uma carta anterior para Brod, também encontrada na escrivaninha de Kafka, ia além:

De todos os meus escritos, os únicos livros que podem ficar são: *O veredicto*, *A metamorfose*, *Na colônia penal*, *Um médico rural* e o conto *Um artista da fome*. (As poucas cópias de *Contemplação* podem permanecer. Não quero dar a ninguém o trabalho de macerá-las; mas que nada desse volume torne a ser publicado.) (T, 266)¹

Brod escolheu não seguir as instruções de Kafka. Baseou essa decisão, em parte, numa conversa que tivera com Kafka em 1921, na qual dissera ao amigo que não tencionava destruir os papéis. E argumentou que o fato de Kafka não ter escolhido

¹ A chave das referências encontra-se no fim deste texto.

para testamenteiro alguma outra pessoa que concordasse em agir segundo seus desejos poderia ser interpretado como um indicador de que Kafka não estava “absolutamente firme na decisão de que suas instruções deviam vigorar”. A justificativa de maior peso e mais imperativa foi a convicção de Brod de que “a obra não publicada de Kafka contém tesouros estupendos e, comparada às suas próprias obras, as melhores coisas que ele escreveu”. (T, 269)

Independentemente de quanto se acredita que é prerrogativa absoluta de um escritor decidir quais dentre os seus textos devem ser publicados e quais nunca verão a luz do dia, devemos ser gratos pelo fato de os romances e os últimos contos de Kafka terem sido preservados.

A cláusula na segunda carta de Kafka autorizando Brod a recuperar papéis em poder de terceiros veio a ter uma importância vital. Brod estava em posse do manuscrito de *O processo* desde 1920 e dos originais de *O castelo* desde 1923. No entanto, usou a segunda carta como alavanca para obter dos pais de Kafka papéis pessoais que ainda estavam no quarto do escritor, entre eles a incomumente longa (aproximadamente cem páginas manuscritas) *Carta ao pai*, escrita em 1919. De Dora Diamant (1898-1952), uma jovem judia polonesa com quem Kafka vivera em Berlim nos últimos meses antes de morrer, Brod conseguiu reaver um caderno de esboços, o original do conto “A construção” e o último caderno dos diários de Kafka. De Milena Jesenská (1896-1944), o grande amor de Kafka, Brod recebeu o manuscrito de *O desaparecido ou Amerika* e quinze cadernos contendo diários do início do relacionamento dos dois até 6 de janeiro de 1921, que Kafka dera a Milena em outubro de 1921. Cartas e mais esboços, além do manuscrito de “Josefina, a cantora”, vieram de Robert Klopstock (1899-1972), um estudante de medicina que contraíra tuberculose durante

o serviço militar. Kafka tornou-se amigo de Klopstock quando ambos estiveram internados em um sanatório em Matliary, nas Altas Tatras (a cordilheira que serve de fronteira natural entre a Eslováquia e a Polônia). Klopstock ajudara Dora a cuidar de Kafka em sua derradeira doença.

Reunidos os manuscritos, Brod venceu difíceis problemas editoriais decorrentes da desorganização dos textos e dos métodos de composição de Kafka e lutou incansavelmente pela publicação da obra inteira. O *succès d'estime* que os escritos de Kafka haviam desfrutado não era incentivo suficiente para que as editoras alemãs assumissem grandes riscos comerciais — especialmente diante das terríveis condições econômicas na Alemanha — com um autor que não vendera bem e parecia exercer atração limitada sobre o grande público. Apesar disso, os três romances foram publicados na Alemanha: *O processo* em 1925 (pela *avant-garde* Verlag Die Schmiede), *O castelo* em 1926 e *Amerika* em 1927 (ambos pela Kurt Wolff Verlag). As perspectivas para escritores judeus pioraram radicalmente quando Hitler subiu ao poder em 30 de janeiro de 1933. Os livros de Kafka foram queimados em público e, em outubro de 1935, inseridos na famigerada “Lista de obras nocivas e indesejáveis”. Dali por diante, Brod recorreu a diversas estratégias, entre elas conceder os direitos em alemão das obras de Kafka à Mercy Verlag de Praga. Essa editora era nominalmente tcheca, embora fosse vinculada ao grupo editorial Schocken. Em 1937 as obras completas foram publicadas pela Mercy no alemão original. A nova edição incluiu ficção que antes só existira em manuscritos, os diários e algumas cartas a amigos (principalmente Brod) e outros textos, mas nenhuma das cartas a Felice Bauer (1887-1960), a primeira noiva de Kafka, ou a Milena Jesenská. Também em 1937 a mesma editora lançou em alemão a biografia de Kafka escrita por Brod. (Um exemplo chocante do embo-

tador impacto do longo domínio comunista sobre a cultura tcheca é o fato de as obras completas de Kafka só terem se tornado disponíveis em tcheco na segunda metade de 2007.)

Os diários de Kafka apresentavam um desafio particular, pois ele regularmente escreveu sucessivas versões de seus contos de ficção em alguns dos mesmos cadernos que usou para o diário. Brod fez excertos dos rascunhos mais avançados para publicá-los. Isso deixou em aberto a questão do tratamento que seria apropriado dar às demais partes dos diários. A decisão de Brod de publicá-las, juntamente com a maioria das cartas de Kafka que lhe chegaram às mãos, é bem mais difícil de justificar do que a resolução de publicar os textos de ficção inacabados. Há muitos escritos fascinantes nos diários e cartas, e sem dúvida eles revelam muito da atormentada vida íntima desse gênio intensamente reservado. Mas a natureza dessas revelações, somada ao pedido de Kafka para que os papéis fossem queimados sem ser lidos, deveria ter sido razão suficiente para honrar a vontade do escritor. O argumento que Brod apresentou para justificar a preservação e a publicação da obra inacabada — que, comparada à obra publicada, continha algumas das melhores coisas que Kafka já escrevera — não poderia aplicar-se ao caso dos papéis pessoais. Na realidade, os diários são um parco registro da vida de Kafka e dizem relativamente poucas coisas relevantes sobre a maioria dos eventos importantes ou sobre as questões éticas, literárias e políticas da época. Quanto à correspondência, a caracterização feita por Kafka (num momento de desânimo) das cartas que trocava com Milena está bem próxima da verdade para muitas delas e se aplica ainda melhor às cartas para Felice:

No fundo, sempre escrevemos o mesmo. Pergunto-te se estás enferma, tu mo perguntas, digo que quero morrer, e tu tam-

bém o dizes, quero chorar como uma criancinha diante de ti, e então tu queres chorar diante de mim como uma menininha. E uma e dez mil vezes e sempre quero estar a teu lado, e tu me dizes o mesmo. Suficiente, suficiente. (LM, 111)*

Sem ter insistido com Felice e Milena na época da morte de Kafka para que entregassem as cartas para serem destruídas ou as destruíssem elas mesmas, Brod acabou perdendo o controle sobre o destino subsequente daqueles papéis. Quando o exército alemão entrou em Praga em 1939, Milena confiou as cartas que guardava a um amigo escritor, Willy Haas (1891-1973), que frequentara o círculo de Kafka. Em 1952, Haas publicou-as na Alemanha, argumentando que Milena não faria objeções. A resposta da filha de Milena a essa declaração implausível foi que nem Milena nem Kafka jamais teriam consentido. Acompanhada pelo marido e por dois filhos, Felice deixou a Alemanha e foi para Suíça em 1931, depois emigrou para os Estados Unidos em 1936, levando consigo as cartas de Kafka. Em 1955, cinco anos antes de morrer, ela as vendeu à Schocken Books. Incluídas nessa venda estavam cartas de Kafka a Grete Bloch (1892-1944), uma amiga que Felice apresentara a Kafka. Grete dera as cartas a Felice em 1935.

* A tradução das citações de *Briefe An Milena* [*Cartas à Milena*, São Paulo, Livraria Exposição do Livro, s.d.], exceto LM, 248, são de Torrieri Guimarães. As citações de *Um artista da fome/A construção*, *Carta ao pai*, *O castelo*, *Contemplação/O fogueira*, *A metamorfose*, *Um médico rural*, *Narrativas do espólio*, *O processo* e *O veredicto/Na colônia penal* são traduções de Modesto Carone, publicadas pela Companhia das Letras. A tradução das citações de *Der Verschollene* [*O desaparecido ou Amerika*, São Paulo, Editora 34, 2003] são de Susana Kampf Lages. As citações de *Gespräche mit Kafka* [*Conversas com Kafka*, São Paulo, Novo Século, 2008], são tradução de Celina Luz. (N. T.)

Embora a ficção de Kafka seja austeramente anistórica, ele não escreveu em uma paisagem tão vazia e inexplorada quanto os campos inverniais que K., o desafortunado agrimensor, atravessa penosamente a caminho dos domínios do conde Westwest em *O castelo*. Como Kafka galantemente salientou a Felice, que se mostrara ciumenta da atenção que ele estava dedicando a seu romance *Amerika*,

Aconteça o que acontecer imploro, de mãos postas em súplica, que não tenhas ciúme do meu romance. Se as pessoas nele suspeitarem do teu ciúme, fugirão de mim; já agora eu mal as estou segurando pela ponta das mangas. E imagina que, se fugirem de mim, terei de correr atrás delas, talvez até o além-mundo, onde obviamente elas se sentem bem à vontade. Eu sou o romance, eu sou minhas histórias — onde, pergunto, haveria o mais ínfimo lugar para ciúme? (*LF*, 138)

Ancorado em Praga e na classe média judaica germanófona da cidade, Kafka tinha a sensibilidade de um homem de sua época e lugar. Haas observou que

Kafka certamente disse tudo, tudo o que tínhamos na ponta da língua e nunca dissemos, nunca pudemos dizer [...] Não consigo imaginar como qualquer homem que não tenha nascido em Praga no período entre 1880 e 1890 poderia compreendê-lo no que quer que fosse [...] Kafka parece-me [...] um segredo austríaco, judeu e praguense do qual só nós temos a chave.²

² W. Haas, *Die Literarische Welt*, Munique, 1960, pp. 33 ss. Citado em Stölzl, Christoph, *Kafkas böses Böhmen: Zur Socialgeschichte eines Prager Juden* (Munique, edição crítica, 1975), pp. 16 ss.

Há muito exagero e um importante grão de verdade na elegante assertiva de Haas, sendo a verdade que mesmo um mínimo de conhecimento sobre a vida e o contexto social de Kafka devem enriquecer a experiência de ler sua obra. A Boêmia, Praga e a família de Kafka parecem ser bons lugares para começar.

1. A vida é meramente terrível

Franz Kafka nasceu em 1883, filho de Herrmann Kafka (1852-1932) e Julie (1856-1934), cujo sobrenome de solteira era Löwy. A família era judaica. Os dois irmãos mais novos de Kafka morreram pouco depois de nascer. Ele teve três irmãs mais novas, nascidas em Praga como Franz: Elli (1889-1941), Valli (1890-1942) e Ottla (1892-1943), esta última a confidente e favorita de Kafka. As três foram assassinadas pelos alemães em campos de concentração. Diante da pressão de nacionalistas tchecos em forma de boicotes e violência contra firmas pertencentes a “alemães” — como era chamada a população germanófono na Boêmia, gentios ou judeus —, Herrmann removeu primeiro um “r” e depois um “n” de seu nome e passou a chamar-se Herman. A intenção era tornar seu nome menos agressivamente teutônico.

“Praga não solta”, escreveu Kafka aos dezenove anos a Oskar Pollak, seu melhor amigo na escola secundária pré-universidade. “Essa velha megera tem garras. A gente tem que ceder.” (L, 5) Na época em que Kafka nasceu, a “velha megera”

era a terceira cidade mais importante do Império Austro-Húngaro, atrás de Viena e Budapeste. Fora a capital do antigo reino da Boêmia, que os Habsburgo passaram a governar em 1547, depois que um membro da dinastia, Fernando I, subjugou os magnatas boêmios e foi reconhecido pela dieta da Boêmia como o soberano da região por direito hereditário. Era um rico prêmio: Fernando obteve, além da Boêmia propriamente dita, as importantes províncias da Morávia e Silésia. Uma medida desse valor é o fato de que Praga tornou-se a capital dos domínios dos Habsburgo. Mas em 1617 a capital foi transferida para Viena e, na época do nascimento de Kafka, a Boêmia era administrada de Viena como uma possessão dos Habsburgo. Assim permaneceu até o fim da Primeira Guerra Mundial, quando foi declarada a República Tcheca independente, composta da Boêmia e da Morávia. A vizinha Eslováquia uniu-se à república dois dias depois, e o país passou a chamar-se Tchecoslováquia. A Boêmia perdera a Silésia para a Prússia muito tempo antes, em consequência da Guerra da Sucessão Austríaca (1740-8), e a Silésia tornara-se parte da Alemanha quando os estados germânicos foram unificados em 1871. O Tratado de Versalhes entregou parte da Silésia à Polônia.

O século XVII na Boêmia fora um período de guerras internas e religiosas brutalmente destrutivas. Seguiu-se um drástico declínio econômico, e vastas terras pertencentes à antiga nobreza tcheca foram expropriadas e concedidas a famílias estrangeiras que haviam fornecido mercenários ao imperador. Os protestantes boêmios foram esmagados, e o catolicismo romano tornou-se a religião do Estado. Como parte da repressão, a língua tcheca foi reduzida à categoria de dialeto camponês, e o alemão passou a ser a língua da administração e das classes média e alta. Mas em fins do século XVIII, um ressurgente movimento nacionalista tcheco, nutrido

por ideais revolucionários franceses, obteve de Viena reformas que incluíam o reconhecimento oficial do tcheco como uma língua paralela no ensino escolar e universitário em Praga. O fervor e a acrimônia do nacionalismo tcheco intensificaram-se no século XIX, tendo como eixo e foco a hostilidade a tudo o que fosse alemão.

A Boêmia e a Morávia, além da própria Áustria e de outras terras dos Habsburgo, continham populações judaicas pequenas mas economicamente significativas. A maior concentração de judeus no império, sem comparação, residia na Galícia, que foi província polonesa até que uma partição da Polônia entregou-a à Áustria. Após a derrota das Potências Centrais em 1918, a maior parte da Galícia reverteu à recém-independente República Polonesa. Os judeus da Boêmia foram submetidos a um duro regime: como em outras partes da Europa desde o começo da Idade Média, ficaram geralmente confinados em guetos e sofreram um sem-número de restrições legais e humilhações.

Por exemplo, os judeus radicados na zona rural, embora em geral não vivessem em guetos, não podiam possuir nem arrendar terras. Por anos, a imperatriz Maria Teresa obrigou os judeus a pagar um imposto especial pelo privilégio de serem autorizados a viver na Boêmia. A Revolução Francesa acenou com a perspectiva de uma existência melhor para os judeus da Europa. Em 1789, a Declaração dos Direitos do Homem adotada pela convenção revolucionária prometeu implicitamente a igualdade e a liberdade religiosa a todos os homens. Essa promessa foi cumprida para os judeus franceses em 1791, quando lhes foi concedida a cidadania plena. A onda de revoluções que convulsionou a Europa continental em 1848 resultou na adoção pela Áustria da Constituição de 25 de abril de 1848, que garantia o livre exercício da religião a todas as minorias em

terras dos Habsburgo, inclusive na Boêmia; a Constituição também aboliu tributos especiais e outras restrições aos judeus. Uma contrarrevolução seguiu-se rapidamente: o liberal, mas fraco, imperador Fernando I abdicou e foi sucedido no trono por seu sobrinho muito mais conservador, o imperador Francisco José. Mas para grande júbilo dos judeus, Francisco José promulgou uma nova Constituição em 1849, pela qual os judeus obtiveram importantes direitos novos, entre eles a liberdade para casar-se, escolher o seu local de residência e adquirir bens imóveis. A reação antisemita foi violenta por todo o império, em especial na Boêmia, assumindo a forma de agitação e arruaças contra judeus. Seguiram-se revogações de direitos dos judeus, mas em 1867 outra nova Constituição dos Habsburgo removeu todas as incapacitações legais aplicadas à população judaica. Essa iniciativa de emancipar os judeus não era sinal de filossemitismo. Era motivada pelo cálculo do governo de que os talentos empresariais judaicos, se lhes dessem liberdade de ação, poderiam reviver as estagnadas economias da Áustria e da Boêmia. E, de fato, o “Milagre Boêmio”, no qual os judeus tiveram importante papel, materializou a rápida industrialização e o desenvolvimento do comércio. O lado negativo do progresso manifestou-se no *crash* da bolsa de valores de Viena em 1873 e na crise econômica da década de 1880, que combinados ocasionaram um cataclismo em escala equivalente à da Grande Depressão e perdas eleitorais para os liberais em 1879. A culpa por outro subproduto do veloz crescimento industrial, a desestabilização da zona rural boêmia, foi atribuída aos judeus.

No passado, indivíduos judeus nos estados austro-húngaro e alemão que tinham acumulado grandes fortunas e sido úteis a seus soberanos haviam obtido a condição de judeus da Corte (*Hoffjuden*) ou judeus protegidos (*Schutzjuden*); esse sta-

tus resguardara-os do sistema de gueto. Mas eles eram exceções. Para os demais judeus, os novos direitos eram um esperado sinal para sair do atoleiro medieval, aproveitar as oportunidades de viver com mais liberdade e adquirir educação e cultura alemãs, que seriam seu passaporte para a condição de classe média. Entretanto, apesar de todo o novo otimismo, os judeus não se equivocaram na interpretação do significado da igualdade jurídica: ela não eliminava as barreiras efetivas erigidas pelo antissemitismo e pelo sentimento de classe. Por via de regra, a oficialidade do exército dos Habsburgo permaneceu vedada a judeus, assim como a docência nas universidades e os empregos no funcionalismo público, com exceção das funções inferiores. Mas até as últimas décadas do século XIX não houve entraves ao ingresso nas profissões liberais na Áustria-Hungria, e judeus tornaram-se advogados e médicos em números gritantemente desproporcionais à sua porcentagem na população total. Um novo paradigma judaico estabeleceu-se na Boêmia: avós ortodoxos nascidos na primeira metade do século haviam ganhado a vida com dificuldade como comerciantes, mascates, artesãos ou albergueiros em vilarejos e cidades pequenas, às vezes, mas nem sempre, em um gueto; graças a um trabalho incansável, seus filhos prosperaram no ramo do comércio e gravitaram para Praga ou cidades maiores, buscando melhores oportunidades e fugindo do ódio que a população rural tcheca lhes devotava. A segunda geração preservou as formas da prática religiosa judaica, mas o judaísmo já não constituía o fato central de sua vida. Os netos, ainda mais distanciados da observância religiosa, ingressavam em uma das profissões liberais ou levavam o negócio da família a um nível mais elevado. É claro que nem todos os filhos aproveitavam a oportunidade de enriquecer. Alguns se tornavam escritores. Um gracejo comum na época

era dizer que, se alguém visse um judeu num café praguense, podia apostar que era um escritor.

A evolução da família de Kafka encaixava-se nesse molde. Na época em que Kafka nasceu, seu pai, Herman, estava estabelecido em Praga como dono de uma loja de armarinhos e acessórios de moda. Mas, sendo o quarto filho de um açougueiro ritual de Wossek, um vilarejo de algumas centenas de habitantes no sul da Boêmia, Herman não tinha a educação e o refinamento que lhe teriam permitido entrar para as camadas superiores da classe média judaica assimilada. Kafka ressentia-se do hábito que Herman tinha de jogar na cara de seus mais afortunados filhos a excruciante penúria e as privações que sofrera como filho de açougueiro:

É desagradável ouvir o pai falar com incessantes insinuações sobre a boa sorte das pessoas de hoje em dia e os sofrimentos que ele teve de suportar na juventude. Ninguém nega que, durante anos, por possuir agasalhos insuficientes no inverno, ele teve feridas nas pernas, que passou fome frequentemente, que com apenas dez anos tinha de atravessar os vilarejos puxando uma carroça, inclusive no inverno e muito cedo pela manhã — mas, e isso é algo que ele não quer entender, esses fatos somados ao fato de que eu não passei por tudo isso de modo nenhum levam à conclusão de que tenho sido mais feliz do que ele, que ele pode orgulhar-se daquelas feridas nas pernas, o que é coisa que ele supõe e afirma desde sempre, que eu não sei avaliar seus sofrimentos passados e que, finalmente, só porque não passei pelos mesmos sofrimentos devo ser eternamente grato a ele. [...] Como eu teria prazer em ouvi-lo falar sobre sua juventude e seus pais, mas escutar tudo isso num tom

de vanglória e queixa é um tormento. Vezes sem conta ele junta as mãos: “Quem pode entender isso hoje em dia? O que é que os filhos sabem? Nenhum passou por coisas assim! Imagine se um filho compreende isso hoje!”. (D, 154)

O judeu torna-se homem aos treze anos, após seu *bar mitzvah*. A partir de então, Herman teve de cuidar de si: mandaram-no trabalhar para um comerciante em Pisek, uma cidade próxima. Mas ele recebera instrução suficiente, presumivelmente na escola judaica em Wossek, para ser capaz de ler e escrever em tcheco, que permaneceu como sua primeira língua, e também em alemão, que ele falava com fluência. Também sabia hebraico o suficiente para conseguir localizar-se no livro de orações e para ler a Torá no púlpito quando o convocavam na sinagoga. Aos vinte anos, foi recrutado para o exército. O açougueiro ritual fora um homem de força prodigiosa, que, segundo diziam, conseguia erguer um saco de farinha com os dentes. Herman puxara ao pai. Deu-se muito bem no serviço militar e foi promovido a cabo. Quando voltou à vida civil, tentou a sorte como mascate rural, mas, como tantos judeus, achou o clima político e social de Praga mais tolerante. Ali ele se fixou e um ano depois, em 1882, casou-se com Julie. Sua loja de armarinhos e acessórios de moda, que por fim evoluiu para estabelecimento atacadista, foi aberta com auxílio financeiro do casal Löwy, os pais de sua esposa.

O passado de Julie fora menos árduo. Seus pais, assimilados e germanófonos, estavam uma geração à frente de Herman Kafka e sua família em matéria de progresso social. Kafka compôs um esboço romantizado de seus ancestrais maternos:

Em hebreu meu nome é Amschel, como o avô materno da minha mãe, de quem ela, que tinha seis anos quando ele morreu, se lem-

bra como um homem muito devoto e erudito de longas barbas brancas. Ela se recorda de que teve de segurar nos dedos dos pés do cadáver e pedir perdão por qualquer ofensa que pudesse ter cometido contra seu avô. Também se lembra dos muitos livros do avô, que forravam as paredes. Ele tomava banho no rio todo dia, inclusive no inverno, quando fazia um buraco no gelo para lavar-se. A mãe de minha mãe morreu de tifo ainda bem moça. Desde essa morte, sua avó tornou-se melancólica, recusava-se a comer e não falava com ninguém; um dia, passado um ano da morte da filha, ela saiu para caminhar e não voltou. Seu corpo foi encontrado no Elba. Ainda mais erudito do que seu avô era o bisavô de minha mãe. Cristãos e judeus honravam-no igualmente. Durante um incêndio, ocorreu um milagre graças à sua devoção: as chamas pularam e pouparam sua casa, enquanto as casas ao redor foram destruídas pelo fogo. Ele teve quatro filhos, um dos quais se converteu ao cristianismo e se tornou médico. Todos, exceto o avô de minha mãe, morreram jovens. Ele teve um filho, que minha mãe conhecia como o doido tio Nathan, e uma filha, a mãe de minha mãe. (D, 152-3)

O pai de Julie Kafka, Jakob Löwy, possuía uma loja de tecidos para cortinas em Podiebrad, uma cidadezinha histórica a leste de Praga. Como nenhum de seus filhos se dedicou ao negócio, ele vendeu a loja, mudou-se para Praga e se estabeleceu como cervejeiro, prosperando o suficiente para viver na Casa Smetana, uma das mais belas construções de Praga. Os irmãos de Jakob também eram cervejeiros ou donos de tecelagem. Na época em que Herman desposou Julie, os casamentos entre judeus eram arranjados; mesmo quando não eram, o normal era casar-se apenas com a aprovação dos pais. Herman, pobre e inculto, foi uma escolha singular para noivo de Julie. Talvez o pai e a madrastra dela julgassem-na em perigo de

se tornar uma solteirona: ela já estava com 26 anos. Também é possível que tenham reconhecido as boas qualidades de Herman: seu tino para os negócios, sua ambição e seu desejo de constituir família.

Kafka via uma importante dicotomia entre os lados Kafka e Löwy de sua família. Na *Carta ao pai*, que ele dera à sua mãe para que entregasse ao seu pai — o que ela não fez — ele disse a Herman que

como pai você era forte demais para mim, principalmente porque meus irmãos morreram pequenos, minhas irmãs só vieram muito depois e eu tive, portanto, de suportar inteiramente só o primeiro golpe, e para isso eu era fraco demais.

Compare-nos um com o outro: eu, para expressá-lo bem abreviadamente, um Löwy com certo fundo Kafka, mas que não é acionado pela vontade de viver, fazer negócios e conquistar dos Kafka, e sim por um aguilhão dos Löwy, que age mais secreto, mais tímido, numa outra direção, e muitas vezes cessa por completo. Você, ao contrário, um verdadeiro Kafka na força, saúde, apetite, sonoridade de voz, dom de falar, autossatisfação, superioridade diante do mundo, perseverança, presença de espírito, conhecimento dos homens, certa generosidade — naturalmente com todos os defeitos e fraquezas que fazem parte dessas qualidades e para as quais o precipitam seu temperamento e por vezes sua cólera. (S, 117)

Ele via sua querida irmã caçula, Ottla, como um caso especialmente complicado na família:

existia aqui algo como um Löwy equipado com as melhores armas dos Kafka. [...] a representação mais pura do matrimônio entre você e minha mãe e das energias que nele se junta-

ram. [...] Do seu lado, a tirania do temperamento, do lado dela a obstinação, a suscetibilidade, o sentimento de justiça, a inquietação dos Löwy, tudo isso sustentado pela consciência da força dos Kafka. (S, 141)

Kafka tinha muitos tios e primos. Mas foram os tios Löwy, três dos irmãos e meio-irmãos de Julie, que tiveram a maior importância na vida e imaginação dele. Alfred (1852-1923), o “tio de Madri”, figura de algum fascínio para o sobrinho, ascendera ao cargo de diretor de uma ferrovia espanhola. Em um momento crucial em 1907, ele usou seus contatos para ajudar Kafka a conseguir seu primeiro emprego. O tio Rudolf (1861-1922), que se suicidou, era alvo das piadas de Herman Kafka: o bobo da família, que se contentava em não subir mais na vida do que ser guarda-livros de uma cervejaria num subúrbio de Praga e permanecer solteiro morando com um pai que lhe era insuportável. Quando ficou evidente que Kafka não se tornaria um homem de negócios e certamente não se destacaria como advogado, Herman começou a zombar dele por sua semelhança com o tio Rudolf, uma meia-verdade que Kafka, que pouco tempo antes sondara as profundezas da falta de compreensão de sua mãe pelas complicações da personalidade do filho, julgou necessário aceitar:

Quando vejo todo o meu modo de vida seguindo uma direção que é alheia e falsa para todos os meus parentes e conhecidos, emerge a apreensão, e meu pai a expressa, de que me tornarei um segundo tio Rudolf, o bobo da nova geração da família, o bobo um pouco alterado para atender às necessidades de um período diferente; mas doravante poderei sentir como minha mãe (cuja oposição a essa opinião enfraquece continuamente com o passar dos anos) condensa e reforça tudo o que fala em

meu favor e contra tio Rudolf e que se interpõe como uma cunha entre as concepções acalentadas a respeito de nós dois. (*D*, 143-4)

Em janeiro de 1922, Kafka sofreu um grave colapso nervoso. Tornara-se impossível para ele dormir, manter-se acordado ou suportar a vida. “Os relógios não estão em uníssono”, ele escreveu. (*D*, 398) Seus pensamentos voltaram-se para o tio Rudolf. A anotação sobre o tio no diário expõe também um desalentador autorretrato do sobrinho naquele momento de extrema angústia e depressão:

Minha semelhança com tio Rudolf, porém, é ainda mais desconcertante: ambos retraídos (eu menos), ambos dependentes dos pais (eu mais), em desavença com o pai, amados pela mãe (ele além disso condenado ao horror de viver com o pai, embora naturalmente seu pai também estivesse condenado a viver com ele), ambos tímidos, excessivamente modestos (ele mais), ambos considerados homens nobres e bons — não há nada dessas qualidades em mim e, pelo que eu saiba, bem pouco nele (reserva, modéstia, timidez são consideradas coisas nobres e boas porque oferecem pouca resistência aos impulsos agressivos das outras pessoas) — ambos hipocondríacos de início, depois doentes de fato, ambos, para zeros à esquerda, mantidos razoavelmente bem pelo mundo (ele, por não ser tão zero à esquerda, mantido muito pior, na medida em que agora é possível fazer uma comparação), ambos funcionários burocráticos (ele melhor), ambos vivendo uma vida extremamente invariável, sem nenhum indício de desenvolvimento, jovens até o fim dos nossos dias (“conservados” é uma expressão melhor), ambos no limiar da insanidade; ele, muito distante dos judeus, com tremenda coragem, com tremenda vitalidade

(pela qual se pode medir o grau de perigo da insanidade), escapou para a igreja, onde, pelo que se pôde saber, suas tendências à loucura foram um tanto refreadas, quando ele próprio durante anos provavelmente não fora capaz de se refrear. Uma diferença em seu favor, ou desfavor, era que, tendo menos talento artístico do que eu, ele poderia portanto ter escolhido um melhor caminho na vida em sua juventude, não era dividido no íntimo, nem mesmo pela ambição. Se ele tinha de contender (interiormente) com mulheres, eu não sei, uma história que li escrita por ele indicaria isso; quando eu era criança, além disso, falavam algo nesse sentido. [...] Não é verdade que ele não era bom, nunca encontrei nele nenhum sinal de avareza, inveja, ódio ou ganância; ele provavelmente era uma pessoa desimportante demais para ser capaz de ajudar outros. Ele era infinitamente mais ingênuo do que eu, sem comparação. Em detalhes isolados ele era minha caricatura, nos essenciais, eu sou a dele. (*D*, 403-4)

Mas o tio predileto era Siegfried (1867-1942), médico rural em Triesch, uma cidadezinha da Morávia. Kafka passou as férias de agosto de 1907 com ele. Em carta a Brod contou que estava andando de motocicleta, bebendo cerveja, pastoreando vacas e cabras, revolvendo feno no campo e se dedicando a várias outras atividades ao ar livre — entre elas “perambulando pelo parque até meia-noite com uma moça irritantemente enrabichada”. (*L*, 25-6)

E foi a Siegfried que, como veremos, a família recorreu na época da doença terminal de Kafka. Como o tio Rudolf, Siegfried suicidou-se, em seu caso para evitar ser deportado para o campo de concentração de Theresienstadt.